Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Crítica Class.: Kampa 37

Data: 26/08/93 Pg.:

Indígenas confinados na selva

Sendero Luminoso mantinha bebês e crianças índias num campo de concentração, vivendo em condições miseráveis

LIMA — O Exército peruano libertou 78 índios ashaninkas, 36 deles com menos de 10 anos de idade, que estavam confinados em campos de concentração na selva amazônica, segundo informe divulgado ontem pelo Ministério da Defesa.

O comunicado assinala que patrulhas militares que realizavam operações para capturar guerrilheiros do Sendero Luminoso que na quinta-feira passada atacaram seis comunidades ashaninkas, assassinando com machados e facas 64 índios, encontraram um acampamento da organização na região de Samaniato.

De acordo com a versão oficial, os militares resgataram sete bebês, 29 crianças, 23 mulheres e 19 homens "em completo estado de desnutrição e doentes". Os reféns foram levados à base militar de Puerto Ocopa, 280 quilômetros a leste de Lima, onde estão recebendo alimentos e assistência médica.

Segundo relatos dos sobreviventes da chacina, um grupo formado por cerca de 150 nativos ashaninkas, armados com machados, facas, flexas e lanças e dirigido por um esquadrão de senderistas, munidos de armas de fogo, perpetraram o mais violento massacre de nativos em 13 anos de operações subversivas no Peru.

Fontes militares e da imprensa disseram que milhares de índios ashaninkas foram recrutados por senderistas sob ameaça de morte e conduzidos a campos de concentração improvisados em plena selva amazônica peruana, onde são doutrinados e treinados para enfrentar as forças de segurança e desfechar ataques.

Resgate de Guzman — Ao mesmo tempo, a polícia anunciou a prisão do senderista Edmundo Cox Beuzeville, que chefiava um comando suicida, denominado "contingente histórico", e tinha a missão de resgatar da prisão o líder do Sendero Luminoso, Abimael Guzman.

Cox, apontado em maio deste ano pelo presidente Alberto Fujimori como um dos três sucessores de Guzman, permanecia na clandestinidade desde que foi libertado pela terceira vez, em 1991. Ele alugara uma luxuosa casa num bairro residencial de Lima, onde vivia com a mulher e dois filhos de cinco e dois anos, com identidades falsas.

Fontes da Polícia Antiterror disseram que a prisão do dirigente subversivo foi possível devido à delação de Mário Gilvonio, um membro do Sendero Luminoso transferido da região andina de Puno, na fronteira com a Bolívia, para fazer parte do "contingente histórico", que deveria atuar como um comando suicida para resgatar Guzman, chamado pelos senderistas de "Presidente Gonzalo" e considerado o quarto líder da revolução mundial, depois de Marx, Lenin e Mao Tse Tung.

Guzman: libertação frustrada